

O PAPEL DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA LEITURA E NO PROCESSAMENTO DE FRASES EM PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

THE ROLE OF GENDER STEREOTYPES IN READING AND PROCESSING SENTENCES IN BRAZILIAN PORTUGUESE (BP)

MARIA CAROLINA MINOR CONCI
Universidade do Porto
mcarolina.conci@gmail.com

JULIANA NOVO GOMES
Universidade do Porto
jngomes@letras.up.pt

MÁRCIO MARTINS LEITÃO
Universidade Federal da Paraíba
profleitao@gmail.com

Este estudo investiga a relação entre anáfora e antecedente em frases com estereótipos de gênero, utilizando leitura automonitorada. Analisamos frases como: (i) “João viu Maria enquanto ela/ele vestia a saia”, (ii) “Maria viu João enquanto ela/ele fazia a barba” e (iii) “João viu Maria enquanto ela/ele escovava os dentes”, para verificar a influência dos estereótipos de gênero (masculino, feminino e neutro) na retomada de anáforas em posição de objeto. Comparamos frases onde o estereótipo de gênero não interfere, contradiz a retomada, ou é neutro. Os pronomes pessoais retomam sujeitos mencionados anteriormente. A hipótese inicial era de que haveria preferência por pronomes que concordam em gênero e número com o antecedente. No entanto, os resultados indicam uma preferência pelo pronome masculino "ele", independentemente do gênero do antecedente, sugerindo que a retomada de DP objeto é mais rápida. Além disso, houve diferenças no processamento dos estereótipos entre participantes de diferentes gêneros.

Palavras-chave: Psicolinguística, processamento de frases, gênero, leitura automonitorada.

This study investigates the relationship between anaphora and antecedent in sentences with gender stereotypes, using self-paced reading. We analyzed sentences such as: (i) “John saw Mary while she/he was putting on the skirt,” (ii) “Mary saw John while she/he was shaving,”

and (iii) “John saw Mary while she/he was brushing teeth,” to examine the influence of gender stereotypes (male, female, and neutral) on the retrieval of object-position anaphora. We compared sentences where the gender stereotype does not interfere, contradicts the retrieval, or is neutral. Personal pronouns refer back to previously mentioned subjects. The initial hypothesis was that there would be a preference for pronouns that agree in gender and number with the antecedent. However, the results indicate a preference for the masculine pronoun “he,” regardless of the antecedent’s gender, suggesting that the retrieval of the object DP is faster. Additionally, there were differences in stereotype processing between male and female participants.

Keywords: Psycholinguistics, sentence processing, gender, self-paced reading.

Recibido: 16 agosto 2024 Aceptado: 23 octubre 2024

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal investigar se a estereotipia, um fator extralinguístico, é capaz de interferir no processamento da correferência anafórica no Português Brasileiro (PB).

A correferência é um recurso linguístico em que diferentes termos ou pronomes em uma frase retomam elementos anteriormente ou posteriormente mencionados. No PB, a correferência pode ser anafórica ou catafórica. A correferência anafórica ocorre quando uma expressão ou pronome se refere a um antecedente já mencionado na frase. Por exemplo, na frase (i) *Maria foi ao mercado e ela comprou frutas*, o pronome *ela* faz referência a *Maria*, que já foi introduzida na frase anteriormente. Esse tipo de correferência ajuda a evitar repetições desnecessárias em um texto, mantendo a sua fluidez. Por outro lado, a correferência catafórica acontece quando a expressão ou pronome se refere a um elemento que ainda será mencionado na frase. Um possível exemplo é a frase (ii) *Quando ela chegou, Maria estava cansada*, onde o pronome *ela* antecipa a menção do nome *Maria*. A correferência catafórica é menos comum que a anafórica, mas é igualmente importante para criar expectativa e manter a coesão dentro de um texto. Ambas as formas de correferência, utilizadas corretamente, garantem clareza e continuidade no texto.

Considerando as pesquisas já realizadas na área, verificamos que o PB tem a tendência de retomar o sujeito quando não há pronome presente na frase, ou seja, é nulo, entretanto, quando há a presença do pronome prefere-se retomar o objeto da frase (Fonseca e Guerreiro 2012; Hora 2014; Leitão e Simões 2011; Leitão *et al.* 2022; Teixeira *et al.* 2014).

Sendo assim, surge o questionamento: será que uma informação extralinguística, ou seja, de conhecimento do mundo seria capaz de interferir no processamento anafórico? Por exemplo, será que um estereótipo sobre o gênero do antecedente é capaz de interferir na retomada anafórica deste objeto? Ou seja, na frase (iii) João viu *Maria_i*; *enquanto ela_i*; *vestia a saia* o pronome *ela* está retomando *Maria* e o sintagma verbal *vestia a saia* não contradiz o estereótipo de gênero feminino? Entretanto, será que numa frase, como (iv) *Maria viu João_i*; *enquanto ele_i*; *vestia a saia*, a relação entre *João* e *ele* será influenciada pela contradição entre João/ ele e o estereótipo de gênero masculino?

Na presente pesquisa buscamos averiguar se esta informação semântico-pragmática do estereótipo de gênero é ou não capaz de interferir no processamento sintático de retomada do objeto. Pretendemos verificar se em PB a informação semântico-pragmática tem mais força do

que a sintaxe e portanto, há interferência no tempo de processamento e/ou no juízo das frases, do tipo, (v) João viu a **Maria**; *enquanto ela*; *fazia a barba*.

Para a realização da presente pesquisa e para tentarmos responder tal questionamento, desenvolvemos um teste de leitura automonitorada (*SPR*) em que os participantes deveriam ler frases resultantes do cruzamento das duas variáveis dependentes: (A) tipo de Estereótipo: Masculinos (EM), Femininos (EF) e Masculinos e Femininos (EN=Neutro) e (B) Congruência entre o gênero do Objeto e do Pronome e, o Estereótipo: Objeto Masculino/Pronome ELE; Objeto Feminino/Pronome ELA, em seis condições diferentes. O estudo foi realizado de maneira web-based e a metodologia do *SPR*, permitiu que os participantes lessem as frases em uma velocidade natural na tela do computador e, que fosse registrado através do programa de computador o tempo de leitura/processamento (RTs) de cada segmento da frase lida; uma vez que para ler cada segmento da frase, o participante apertava a tecla espaço no teclado. Além do registro dos RTs, após a leitura da frase completa, o participante respondia uma pergunta de compreensão: “Faz sentido?”, com duas opções de resposta: SIM ou, NÃO. Assim que concluía a realização da tarefa, as palavras desapareciam dando lugar às frases seguintes.

De acordo com Oliveira *et al.* (2022b), é possível realizar tal leitura sendo que a frase é dividida em pedaços menores:

dividindo-a em pedaços menores e fazendo o leitor cadenciar sua própria leitura à medida que os segmentos da frase aparecem na tela do computador. Esses segmentos são lidos apertando-se um botão ou uma tecla e assim o tempo de leitura é aferido em milésimos de segundos para cada segmento. Os segmentos podem ser palavras, então temos a leitura palavra por palavra, ou podem ser sintagmas e aí temos a leitura sintagma por sintagma

(Oliveira *et al.* 2022b: 41).

É relevante mencionar que o programa de pesquisa elaborado por Leitão *et al.* (2022) serviu como ponto de partida para esta investigação. Leitão *et al.* (2022) realizou uma avaliação de estereótipos de gênero em Português Brasileiro e Português Europeu, usando a metodologia através da Escala *Likert* de 5 pontos. Os participantes, como portugueses e brasileiros de ambos os sexos, julgavam predicados verbais estereotipados, como “fazer churrasco”, “lavar louça” e “comprar livro” com estereotipia masculina, feminina e neutra, respectivamente. Destaco, portanto, que os sintagmas verbais normados de acordo com os estereótipos (masculino, feminino e neutro) em Leitão *et al.* (2022) serviu de base para a criação dos estímulos (frases complexas) utilizados no presente trabalho.

Portanto, neste trabalho apresentaremos considerações sobre o estereótipo de gênero e o processamento correferencial; como ocorre a correferência no processamento de frases que apresentam estereótipo de gênero; e, ainda, será apresentada uma contextualização acerca do estudo e o método experimental realizado, além de uma apresentação da metodologia (*self-paced reading*), os estímulos, participantes, procedimentos e, por fim, uma breve análise do estudo.

2. ESTEREÓTIPO

Segundo o Dicionário Online de Português¹, *estereótipo* é uma “concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades”. Dessa forma, Leitão *et al.* (2022)

conceituam estereótipo como sendo um:

conjunto de características compartilhadas por grupos sociais específicos que levam a generalizações em determinados contextos socioculturais, mas que, muitas vezes, se alteram sem a atualização devida, se integrando e se arraigando ao corpo social.

(Leitão *et al.*, 2022: 194)

Pereira (2002) acredita que estereótipos são crenças, e crer em tais crenças significa confiar que tal proposição sobre a realidade seja verdadeira. Alguns manuais de psicologia definem os estereótipos como crenças generalizadas e resistentes a novas informações, com o intuito de simplificar a forma como se interpreta a realidade.

Portanto, há, socialmente, uma dificuldade em abandonar tais crenças, especialmente tratando-se das outras pessoas. Modificar pensamentos, concepções, hábitos e crenças, muitas vezes, enraizadas, não é tarefa simples. Para a mudança efetiva, seria necessário a união de esforços tanto de políticas públicas quanto esforços educacionais, para que tanto o plano econômico, social, cultural e político, nessa seara, fosse devidamente atualizado. Isto porque os estereótipos são pertencentes ao conhecimento coletivo de uma determinada sociedade, sendo refletidos no comportamento e manifestação de cada um. Podemos considerar que os estereótipos são concepções arraigadas, frequentemente desprovidas de uma base científica definitiva que as justifique, sendo compartilhadas por muitas pessoas. Referem-se à maneira como identificamos um indivíduo com base em crença religiosa, raça, gênero, idade, nacionalidade etc.

Ashmore e Del Boca (1979) identificaram pontos de concordância entre psicólogos referente a definição de estereótipos, como, por exemplo, o estereótipo ser cognitivo, fruto de uma convicção, de um julgamento, de uma suposição e, estereótipos comparam grupos e os diferenciam.

Essas representações simplificadas podem ser positivas, negativas ou neutras e são frequentemente enraizadas em percepções culturais e sociais. Por exemplo, a associação entre palavras pode criar estereótipos e, com isso, perpetuar preconceitos, sendo o caso dos estereótipos de gênero que apresentaremos a seguir. Importante destacar que as palavras que usamos desempenham um papel significativo na formação e na perpetuação de estereótipos sendo a Linguagem uma ferramenta poderosa, capaz de moldar a nossa compreensão do mundo, influenciando não apenas como pensamos, mas também como agimos e nos relacionamos com os outros.

2.1. Estereótipo de gênero

Embora existam vários tipos de estereótipos que permeiam diferentes aspectos da vida humana, como, os estereótipos referentes ao estado civil, à classe social, à família, etc. O

¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estereotipo/> Acesso em: 18 de outubro de 2024.

estereótipo de gênero tem sido recentemente um tópico bastante discutido. Embora na área do processamento linguístico, há ainda poucos trabalhos (ver Leitão *et al.* 2022).

Para Pereira (2002), os estereótipos surgem em diversos contextos e cumprem com as funções referentes às suas características. Assim sendo, o estereótipo de gênero é uma atribuição feita por determinado grupo, com base em traços comportamentais referentes a homens e mulheres, diferenciando-os. Os estereótipos relacionados aos gêneros surgem com o passar do tempo e com as repetidas práticas e experiências vivenciadas pelos grupos de indivíduos.

Por exemplo, homens são geralmente associados às características como assertividade, racionalidade e força física, enquanto mulheres são mais frequentemente relacionadas à sensibilidade, empatia e delicadeza. Tais estereótipos não apenas influenciam a percepção individual, mas também acabam por moldar as expectativas e comportamentos, desde as escolhas profissionais até as relações interpessoais.

Além disso, a linguagem também pode ser usada para desvalorizar certas pessoas com base em seu gênero. Por exemplo, a expressão "*agir como uma menina*" é frequentemente usada de forma pejorativa com o intuito de depreciar comportamentos considerados fracos para os padrões masculinos. Essas formas de linguagem reforçam a ideia de que algumas formas de expressão são consideradas inferiores com base no gênero de uma pessoa. Logo, é necessário reconhecer o papel da linguagem na perpetuação de estereótipos de gênero e esforçar-se para promover uma linguagem mais inclusiva e consciente.

2.2. Estereótipo de gênero nas línguas

A linguagem ocupa um papel fundamental na representação dos estereótipos, pois é através dela, da comunicação verbal, que se transmite e se propaga um estereótipo. A presente seção pretende discutir acerca do estereótipo de gênero nas línguas, examinando como ele se manifesta na linguagem e como isso influencia as percepções e os comportamentos das pessoas em relação aos papéis de gênero. Ao analisar o papel da linguagem, é possível compreender melhor como essas ideias são internalizadas e reproduzidas na sociedade.

Alguns estudiosos da área da Linguística e da Psicologia buscam estudar e compreender o estereótipo, especialmente na linguagem verbal. (Lippmann 1972 apud Campos *et al.* 2021: 5) define estereótipo como "*uma opinião preconcebida acerca de atributos exteriores*". Desse modo, os padrões de pensamento arraigados na sociedade, conhecidos como estereótipos de gênero, tendem a atribuir características específicas a homens e mulheres com base em seu gênero. Estes estereótipos encontram expressões na linguagem através de várias formas de tratamento e estruturas linguísticas. Por exemplo, em determinadas línguas, certas palavras ou expressões são associadas predominantemente a um gênero, reforçando noções preexistentes sobre as habilidades, interesses e papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

Leitão *et al.* 2022 parece ser o primeiro trabalho em PB e PE a criar um *corpus* de sintagmas verbais formados de acordo com o estereótipo de gênero. Os autores analisaram as respostas de 32 participantes em cada variedade da língua portuguesa (PB e PE) num teste de julgamento com escala Likert de 5 pontos e resposta cronométrica (RTs). Os resultados mostraram uma diferença entre os brasileiros e os portugueses (ambos os sexos): os brasileiros escolhem opções mais centrais na escala para julgar os estereótipos, o que exige mais tempo para escolha (RTs maiores). Em contrapartida, os portugueses escolhem opções mais extremas e respondem mais rapidamente (RTs menores) que os brasileiros. Além disso, os autores reportam que a avaliação por itens mostra diferenças entre o julgamento de homens e mulheres na média.

Apesar de o estudo mostrar que há diferenças no julgamento e tempo de julgamento linguístico correlacionadas ao estereótipo de gênero, o estudo inicial (Leitão *et al.* 2022) não investiga a influência da estereotipia no processamento linguístico. Ou seja, se essas informações extralinguísticas são capazes de impactar o curso de processamento da frase.

2.2.1 O estereótipo de gênero no processamento linguístico

Badecker e Straub (*apud* Araújo 2017: 31-32) realizaram um estudo um experimento de *self-paced reading*, em que variaram os gêneros dos candidatos a referente, visando examinar a resolução correferencial dos pronomes e anáforas ao longo do processamento frasal. Nos exemplos abaixo, conforme apresentados por Araújo (2017: 31-32), ambos retirados dos experimentos de Badecker e Straub (2002), podemos verificar um exemplo de sentença (1) com presença pronominal e um exemplo de sentença (2) com a presença de anáfora.

1. John pensou que Beth lhe devia mais uma oportunidade para resolver o problema²
2. John pensou que Bill lhe devia mais uma oportunidade para resolver o problema³
3. Jane pensou que Bill devia a ele mesmo mais uma oportunidade para resolver o problem⁴
4. John pensou que Bill devia a ele mesmo mais uma oportunidade para resolver o problema⁵.

Conforme observado por Araújo (2017: 31-32), nas frases referidas, os pesquisadores demonstraram o controle sobre o gênero, já que em frases contendo o pronome *him*, os antecedentes eram distintos, assim como nas frases com o reflexivo *himself*. Os resultados do experimento indicaram que os tempos de leitura (RTs) foram mais longos quando houve concordância de gênero e número entre o pronome *him* e seu antecedente *Bill*, como no exemplo (2). Esse padrão não foi observado no exemplo (1), onde não havia correspondência entre os traços de gênero e número. O mesmo ocorreu nos exemplos (3) e (4). Estudos sobre o processamento linguístico buscam investigar que fatores são capazes de interferir na compreensão de uma frase e, portanto, estão interessados em investigar a natureza desses fatores.

Consoante o exposto anteriormente acerca dos estereótipos de gênero, destacamos, ainda, que esses conceitos encontram-se arraigados na cultura de muitos países, como também na sociedade brasileira e, parecem estar refletidos também na língua daquela determinada população. No cotidiano, nos deparamos com diversas atividades ou comportamentos estereotipados que são associados à características consideradas mais femininas ou masculinas, muitas das quais são expressas na língua portuguesa e disseminadas através da comunicação. Assim, pesquisar sobre as expressões estereotipadas na língua portuguesa pode fornecer *insights* sobre a extensão e a profundidade desses estereótipos na sociedade e, especialmente, em nossa própria compreensão cognitiva (Leitão *et al.* 2022).

² John thought that Beth owed him another opportunity to solve the problem

³ John thought that Bill owed him another opportunity to solve the problem

⁴ Jane thought that Bill owed himself another opportunity to solve the problem

⁵ John thought that Bill owed himself another opportunity to solve the problem

2. ESTEREÓTIPO DE GÊNERO E PROCESSAMENTO CORREFERENCIAL

3.1 Correferência no processamento de frases

O texto, segundo Koch (2004: 11) é considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. A partir do olhar de Koch, é possível verificarmos a relação existente entre o indivíduo e a situação comunicativa em que ele está inserido. Já para Marcuschi (2008: 72) o texto é “*o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona.*”.

Segundo Souza *et al.* (2019) a leitura não é um exercício natural, exige um processo de aprendizagem. Logo, o processamento da leitura, requer que “o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos de diversas naturezas, entre os quais estão os mecanismos abarcados no ato de ler”, os conhecimentos de natureza linguística, temática, textual, além dos contextuais e situacionais, o que significa dizer que saber ler implica conhecimentos tanto procedimentais quanto experienciais. Desse modo, todo o indivíduo falante e capaz de se comunicar, possui a competência de compreender quando um texto é coerente e quando é incoerente. Assim sendo, um texto deve ser composto pela coerência e pela coesão textual, entendidos como propriedades centrais de um texto.

Segundo Halliday & Hasan (1976), o conceito de coesão é semântico. A coesão ocorre quando a interpretação de um elemento textual depende da interpretação de outro, de modo que um não pode ser compreendido sem que se faça referência ao outro. Quando essa interdependência ocorre, há coesão e os dois elementos em questão estão ligados dentro do texto.

Sem a pretensão de apresentar todos os mecanismos que compõem a coesão textual, é, todavia, fundamental citar que há cinco mecanismos que a integram: referência, substituição, elipse, conjunção e léxico. Há diversos tipos de expressões anafóricas que podem ser usadas para retomar um elemento no discurso. Concentramos nossa atenção na correferência pronominal anafórica do Português Brasileiro. Anáfora é uma palavra que vem do grego e significa literalmente ação de repetir. A correferência parece ser um recurso universal da linguagem, ou seja, encontra-se este mecanismo linguístico em todas as línguas. Há algumas teorias acerca da correferência, podemos mencionar a *Teoria da Acessibilidade* atribuída a Ariel (1990), a nível de discurso, e a *Hipótese da Posição do Antecedente*, a nível de frase.

A *Teoria da Acessibilidade*, proposta por Ariel (1990), busca entender como ocorre a acessibilidade de um antecedente, isto é, o quão fácil é identificar uma entidade específica no discurso, e como a mesma influencia a escolha da expressão que faz referência a essa entidade, explorando como a resolução de anáforas está relacionada a aspectos da memória.

À luz da referida teoria, cada expressão anafórica codifica um grau de facilidade ao acessar a entidade que está retomando. Em outras palavras, expressões anafóricas atuam como indicadores de acessibilidade, estabelecendo uma relação inversamente proporcional entre a facilidade de acesso ao antecedente e a forma linguística escolhida para referenciá-lo. Quanto mais acessível a informação (o referente), menos informativa será o termo utilizado para retomá-lo. Em contrapartida, quando a informação é menos acessível, a forma anafórica escolhida tende a ser mais informativa. À medida que novos referentes são introduzidos, a acessibilidade do primeiro referente pode mudar.

Dessa forma, a referência, mecanismo que iremos nos debruçar, pode ser feita com relação ao texto (referência endofórica) ou ao contexto situacional (referência exofórica). Quando se fala em termos de texto, o elemento referencial pode estar conectado a uma palavra anterior,

estabelecendo uma relação anafórica. Se o item de referência aponta para algo que ainda será mencionado, então temos uma relação catafórica.

As relações correferenciais são o modo como se estabelece a relação entre uma expressão anafórica e o seu antecedente. O processamento linguístico da correferência anafórica pode ser entendido como um processo em que um elemento previamente mencionado é retomado por outro durante a leitura ou escuta de uma frase ou texto. Para que isso ocorra, o antecedente é retido na memória de trabalho enquanto a sentença é processada, até que uma referência a ele seja identificada no fluxo das informações linguísticas, dando início ao processo de reativação e recuperação do antecedente (Leitão e Simões 2011).

No PB temos a presença de pronomes plenos e pronomes nulos e a sua flexão, assim como nos nomes, devendo estes concordarem em número e pessoa com verbo a que está sendo ligado.

A anáfora é, portanto, um fenômeno fundamental para a coesão e para a coerência textual anteriormente referida. Ela pode ser definida como a retomada de uma expressão que já foi apresentada em um texto. Ressaltamos que para que o processo anafórico ocorra necessitamos de pelo menos dois termos: o termo anafórico e seu antecedente. O termo anafórico é o que realiza a retomada no procedimento de correferenciação.

5. Maria estava cansada depois de um longo dia de trabalho. Ela decidiu descansar um pouco antes de continuar suas tarefas.

No exemplo (5) podemos observar que o pronome pessoal *ela* está retomando um SN (sintagma nominal) já mencionado, no exemplo, *ela* retoma *Maria* que é seu antecedente, tornando assim os termos correferentes.

Mioto *et al.* (2013: 217) reforçam que “[...], contrariamente às anáforas, os pronomes não necessitam de antecedentes, mas, se os têm, eles não podem estar ‘perto’ demais, [...]”. Já as expressões referenciais são usadas para introduzir algo no texto ou, também, fazer referência a algo que já foi dito no texto. Ambos exercem um papel fundamental na linguagem, pois permitem que nos refiramos a pessoas, lugares, objetos ou ideias de forma direta, garantindo, assim, a coesão textual, facilitando a compreensão do mesmo.

Segundo Hora (2014), identificar e reconhecer os antecedentes em um processo de correferência anafórica pronominal não é tarefa simples. Algumas frases podem gerar dificuldades de interpretação, como os exemplos a seguir:

6. Paulo notou Luiza fazendo barba no quarto de hotel enquanto *ela* fazia a barba no quarto de hotel.
7. Paulo notou Luiza fazendo barba enquanto \emptyset fazia a barba.

A quem devemos atribuir o pronome *ela* no exemplo (6)? A *Paulo*, a *Luiza* ou, ainda, a uma *terceira pessoa*? E no caso do pronome nulo, \emptyset , em (7), como ocorre o processamento da anáfora? Diante de tais exemplos podemos questionar se há uma preferência de processamento para cada tipo de pronome.

A frase com o pronome *ela* apresenta certa ambiguidade, pois não resta claro se *ela* está retomando *Paulo*, *Luiza* ou uma *terceira pessoa*. No caso do pronome nulo \emptyset , o processamento da anáfora é ainda mais desafiador, devendo, quem processa, inferir a retomada a partir do contexto ou estrutura da frase. Em línguas que apresentam pronomes nulos, como o PB, a

retomada anafórica exige uma análise mais aprofundada para determinar a quem ou ao que o pronome nulo \emptyset está se referindo.

Destacamos ainda o estudo realizado por Teixeira *et al.* (2014), sobre a correferência de pronomes nulos e plenos, em posição anafórica e catafórica, em períodos complexos compostos por subordinação. Trata-se de um experimento com a utilização de rastreamento ocular em que os participantes liam frases que continham uma oração principal e uma oração subordinada temporal ambígua, o estudo analisou a presença de um sujeito na última oração, podendo ser representado por um pronome nulo ou por um pronome pleno. Na oração principal, há a presença de dois argumentos do verbo e a oração subordinada temporal é formada por uma conjunção temporal “quando” ou “enquanto” e, por uma oração em que o sujeito pode ser um pronome pleno “ele” ou “ela” ou um pronome nulo. O estudo em questão buscou examinar os efeitos da posição, tanto anafórica quanto catafórica, e o tipo de expressão anafórica (pronome nulo ou pleno), tanto em relação aos custos de processamento quanto às preferências na correferência. Os resultados indicam que a ambiguidade é esclarecida pela existência da categoria vazia na oração e o pronome pleno não resolveu a questão da ambiguidade na condição anafórica, em vista dos resultados apresentarem índices aleatórios. Com base nesse estudo, o DP que estiver ocupando a função de sujeito da oração principal em períodos complexos será o antecedente preferencialmente retomado para estabelecer correferência com o pronome nulo.

3.2 Correferência no processamento de frases com estereótipo de gênero

Portanto, as expressões anafóricas surgem no texto ou na frase com a finalidade de referir-se a uma entidade que já foi mencionada, retomando, assim, o seu antecedente. Expressões anafóricas em posição de sujeito tendem a retomar antecedentes em posição de sujeito e expressões anafóricas em posição de objeto retomam antecedentes em posição de objeto. Nos casos de expressão anafórica nula, a tendência é que, ao surgir na posição de sujeito, ela reative rapidamente na memória de trabalho do falante ou ouvinte de PB o antecedente que também estava na posição de sujeito.

O termo *Pro-drop* ou *pronoun-drop* (ou pronome nulo) refere-se a capacidade de uma língua em omitir sujeitos quando a conjugação verbal ou o contexto fornecem informações suficientes para identificar o sujeito. O italiano, o espanhol e o português são consideradas línguas *pro-drop*. O PB apresenta pronomes plenos e nulos, sendo que a flexão verbal deve concordar em número e pessoa. Contudo, alguns estudos sobre correferência demonstram que o PB está perdendo as características que o caracterizam como uma língua *pro-drop*.

Duarte (1995) pontua que o PB, com o passar dos anos, vem perdendo a opção de sujeito nulo na 1ª e 2ª pessoas, contudo, continuamos representando na 3ª pessoa. A autora destaca que

pode-se presumir que, não sendo mais inteiramente realizada através de Agr, a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes

(Duarte 1995: 21)

Assim, o PB tem sido classificado como uma língua de sujeito nulo parcial. Diante do exposto, é imprescindível mencionar um estudo comparativo entre PB e PE (Português Europeu), realizado por Barbosa *et al.* (2005 apud Hora *et al.* 2019: 207-224). Observou-se que em PB há menos ocorrências de formas nulas ocupando a posição de sujeito, o que resulta em um aumento

no uso de formas plenas. Isso evidencia que a relação de comando entre o antecedente e a expressão referencial nula favorece a ocorrência do sujeito nulo. Logo, os antecedentes que desempenham a função de sujeito na oração principal são os que mais facilitam a retomada por meio do pronome nulo. Assim, em PB, o pronome nulo é geralmente entendido como referindo-se ao sujeito ou ao antecedente mais próximo que o comanda. Segundo as pesquisadoras, ao contrário do que se observa em PE, o uso de pronomes nulos é mais reduzido em PB, sendo o uso de formas plenas mais frequente, retomando, assim, mais o sujeito do que ocorre em PE, não sendo demonstrado uma preferência clara pelo objeto, como é verificado em PE e em outras línguas de sujeito nulo como o Italiano.

Em PB, o termo a ser retomado pela correferência é determinado ou influenciado pela distância entre o termo retomado e o seu antecedente. A existência de relação de comando entre o termo a ser retomado e o seu antecedente possibilita a ocorrência de um sujeito nulo, provando que o processamento e a interpretação da correferência são mais influenciados pela função sintática e pelas relações de comando do que pela posição estrutural do antecedente.

Como já explanado anteriormente, o objetivo da presente pesquisa é a resolução anafórica em frases complexas, compostas por uma oração principal e uma oração subordinada. Na oração principal, há um sintagma nominal (DP) na função de sujeito e outro na função de objeto, sendo que o núcleo desses sintagmas é um nome próprio, como “a Maria” ou “o João”. A oração subordinada, por sua vez, é composta por uma conjunção temporal, como por exemplo “quando” ou “enquanto”, e por uma oração em que o sujeito pode ser um pronome pleno, como “ele” ou “ela”, ou, ainda, um pronome nulo.

Diante disso, destacamos que muitos trabalhos que versam sobre correferência anafórica têm como objeto de pesquisa os traços de gênero. A anáfora controla, de certa forma, o que já foi dito dentro de uma frase. Analisemos o exemplo:

8. Maria preparou um bolo. Ela é uma cozinheira muito talentosa.

Para realizar a interpretação do exemplo (8) é necessário que façamos a ligação anafórica entre o pronome *ela* e *Maria*. A relação anafórica existente surge da correferência entre uma expressão anafórica (um pronome, por exemplo, *ela* e seu antecedente, no caso, *Maria*).

Em um estudo e experimento realizado por Duffy and Keir (2004), demonstraram que os estereótipos de gêneros são acessados durante a compreensão e acabam interferindo no processamento de frases. Se um pronome surge após uma palavra com estereótipo de gênero, mecânico, por exemplo, os julgamentos acerca do pronome se ocorrem de forma mais rápida se tal pronome corresponde ao estereótipo da palavra principal.

9. João consertou o carro. Ele é muito habilidoso com trabalhos manuais.

Nos exemplos (8) e (9) a retomada anafórica reforça a presença de estereótipos, tais como a mulher na cozinha e o homem associado a trabalhos manuais. Contudo, é possível, ainda, depararmos com exemplos neutros.

10. Lúcio percebeu Leda bebendo água no copo de metal.

Na frase (10) a expressão “bebendo” pode ser associada ao sujeito Leda, anteriormente mencionado. Contudo, a anáfora é considerada neutra porque não carrega nenhum estereótipo de

gênero. A ação de beber não é associada a um gênero específico, podendo a mesma ser realizada tanto por Leda ou Lúcio.

Na seção seguinte, apresentaremos o experimento realizado com o intuito de aferir o tempo de reação de leitura por parte de falantes nativos de PB, buscando averiguar a relação que existe entre os estereótipos de gênero e o processamento de sentenças.

4. ESTUDO

O presente estudo usa o *corpus* do estudo normativo de Leitão *et al.* (2022) para criar frases complexas em PB visando a do curso temporal da leitura das frases (Tempos de Leitura/Processamento, RTs). O nosso objetivo é verificar o papel das informações de estereótipos de gênero no processamento de frases com correferência anafórica. Para tal, utilizou-se a metodologia de leitura automonitorada ou *self-paced reading* (SPR).

4.1. Metodologia (*Self-paced reading*)

A metodologia é parte essencial da pesquisa científica, auxiliando na elaboração do estudo, dando o norte para que seja possível alcançar os objetivos inicialmente propostos. A pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que são capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto (Gil 2007). Um dos objetivos propostos nesta pesquisa é o de verificar se o estereótipo de gênero é capaz de influenciar no processamento linguístico de retomada do DP objeto. Dessa forma, como instrumento de produção de dados, além de pesquisa bibliográfica, será utilizado o método experimental leitura automonitorada. Tal técnica consiste na leitura de frases que são divididas em segmentos e apresentadas em uma tela de computador, sendo possível medir o tempo de leitura das diferentes retomadas anafóricas. Cada participante da pesquisa visualiza um segmento por vez. Para que cada segmento apareça na tela, o participante deve clicar numa tecla do computador (normalmente na tecla *espaço*) sucessivamente até que cada segmento tenha sido revelado e a frase tenha sido lida completamente. A referida técnica é capaz de medir os tempos de leitura / processamento de cada segmento e portanto, é possível comparar os tempos em milésimos de segundos entre um segmento e outro.

Segundo Salgado e Ichijo (2022) o termo “automonitorado” se dá em virtude de o participante ter o controle do seu tempo de leitura. Dessa forma, o *software* vai registrando o tempo que cada participante gastou no processo de leitura, sendo possível, ao final, realizar uma análise comparativa entre o tempo gasto pelos participantes do estudo, os falantes nativos de PB. Através dessa leitura, é possível averiguar o tempo de leitura de diferentes elementos utilizados e, com isso, torna possível a discussão acerca das diferenças temporais, sendo considerado um instrumento necessário para o estudo do processamento anafórico, pois permite identificar de forma precisa os segmentos das frases onde os participantes demoram mais tempo, demonstrando possíveis dificuldades enfrentadas na retomada do objeto anafórico. Quando um leitor encontra uma retomada anafórica, ele precisa recuperar a informação anteriormente mencionada para a compreensão integral da frase. Se o tempo de leitura aumenta em determinado segmento, demonstra, portanto, que o leitor/participante está se deparando com dificuldades em relacionar a anáfora ao seu antecedente. Ademais, se houver uma incongruência entre a informação fornecida sobre o objeto anafórico e os estereótipos, é esperado que o tempo dedicado para leitura e

processamento aumente. Podemos considerar a demora como um indicativo de que o leitor está tentando compreender a informação nova, o que demanda um maior esforço cognitivo. Dessa forma, a análise precisa do tempo auxilia na identificação dos principais segmentos onde ocorrem essas dificuldades, identificando, assim, padrões e diferenças no tempo de leitura.

Após a leitura de cada frase, foi realizada uma pergunta interpretativa com o intuito de verificar se o participante leu a frase com atenção e compreendeu o que foi lido. Souza *et al.* (2019: 3856) destacaram que essa fase é “fundamental para garantir que o tempo de processamento do segmento analisado é o tempo relativo a uma leitura atenta, em que houve compreensão e em que o estabelecimento da correferência aconteceu”, permitindo, assim, conhecer a reação do leitor diante do processo realizado.

O presente experimento foi aplicado de forma individual e anônima. Cada participante realizou o estudo através de seu computador pessoal, *web-based*. Os participantes leram 56 frases, em uma velocidade natural, na tela do computador. Para ler cada segmento da frase, o participante deveria apertar a tecla espaço no teclado do computador.

Ao fim de cada frase, surgia uma pergunta de compreensão: “*Faz sentido?*”. Para responder SIM, os participantes deveriam apertar a tecla C e, para responder NÃO, deveriam apertar a tecla M do teclado. As perguntas tinham a finalidade de averiguar se os participantes estavam lendo e prestando atenção às frases ou respondendo de forma automática. Ressalto que antes da realização do experimento os participantes realizaram um treino para praticar o uso das teclas.

No caso da presente pesquisa, o papel da leitura automonitorada é justamente o de registrar o tempo de processamento da leitura (RTs) e se o estereótipo de gênero é capaz de influenciar no referido tempo.

4.2. Estímulos

Para a realização do presente trabalho foram criados 24 conjuntos de 6 frases (144 frases no total) manipulando os Estereótipos Masculinos (EM), Estereótipos Femininos (EF) e Estereótipos Masculinos e Femininos (EN=Neutro). As frases experimentais foram criadas a partir dos sintagmas verbais definidos em Leitão *et al.* (2022). Cada frase divide-se em 9 segmentos, sendo que cada segmento possui seu tempo de resposta (RT) analisado individualmente.

Os exemplos são apresentados na Tabela 1, com seus respectivos segmentos separados por barras. Para além das frases experimentais, criamos 32 frases distratoras, conforme exemplos apresentados na Tabela 2.

1	EF	Feminino	Paulo / notou / Luiza / enquanto / ela / vestia / a saia / na festa / de ontem
2	EF	Masculino	Luiza / notou / Paulo / enquanto / ele / vestia / a saia / na festa / de ontem.
3	EM	Feminino	Paulo / notou / Luiza / enquanto / ela / fazia / a barba / no quarto / de hotel.
4	EM	Masculino	Luiza / notou / Paulo / enquanto / ele / fazia / a barba / no quarto / de hotel.
5	EN	Feminino	Paulo / notou / Luiza / enquanto / ela / comia / a maçã / no café / da manhã.
6	EN	Masculino	Luiza / notou / Paulo / enquanto / ele / comia / a maçã / no café / da manhã.

Tabela 1. Exemplos de estímulos em PB em cada uma das três condições: Masculino, Feminino e Neutro.

A diretora prometeu que o curso de tijolo será gratuito.
A menina assentiu à amiga que foi ao balé pela televisão.
Paloma procurava André no prato porque ele sumiu e não avisou ninguém.

Tabela 2. Exemplos de frases distratoras

Ao todo, cada participante realizou a leitura automonitorada de 56 frases pseudo-randomizadas. O *software* de estudo *web-based* utilizado foi o *PCIBex* (Zehr e Schwarz 2018). Conforme apresentado na Tabela 1, o experimento continha 24 conjuntos de frases em cada uma das condições. uma distribuição em Quadrado Latino, à cada participante foi atribuída uma das 6 listas criadas. Assim cada participante lia apenas uma das frases em cada uma das condições, sem repetições entre grupos (num *design between subjects*).

4.3. Participantes

No total participaram desta pesquisa 42 participantes, adultos, com idade média de 42 anos, sendo 23 do sexo feminino e 19 do sexo masculino. Todos os participantes declararam ser falantes nativos de PB. A participação no estudo ocorreu de forma voluntária e anônima. Os participantes foram testados de forma individual.

Dos participantes no experimento, 23 são mulheres e 19 homens, sendo quatro participantes canhotos, um ambidestro e os demais 37, destros. Importante destacar que dos participantes, nove moraram fora do Brasil por um período de tempo.

Os participantes foram recrutados através das redes sociais e contatos pessoais. Todos preencheram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) e tinham o direito de desistir da participação em qualquer altura do estudo. O estudo levou cerca de 10 minutos e os participantes usaram o *link* para a Plataforma *PCIBex*⁶.

4.4. Procedimentos

Com o intuito de captar participantes para o experimento, realizamos o compartilhamento do *link* via redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas. Para a execução deste estudo, um experimento foi programado e realizado através da Plataforma *PCIBex*, de forma gratuita e de código livre, desenvolvida por Zehr e Schwarz (2018). Esta plataforma é gerenciada pelo *Penn-Controller*, da Universidade da Pennsylvania, e tem a função de coletar e armazenar os dados de cada participante recrutado. A linguagem de programação utilizada foi *javascript (js)*.

O estudo consistia nas seguintes etapas: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), coleta de dados dos participantes, instruções, treino, experimento, agradecimento e encerramento do experimento.

Para o desenvolvimento do experimento, foi criado um *script*, e um teste piloto foi realizado previamente ao recrutamento dos participantes para garantir que o programa estava operando corretamente, que não havia erros no *script*, que o uso das teclas estava correto e que os dados estavam sendo registrados de forma adequada no *PCIBex*. Além disso, as instruções e os estímulos foram revisados de forma a assegurar a ausência de possíveis erros e a manutenção da clareza das

⁶ Disponível em: <https://farm.pcibex.net/> Acesso em 21 de outubro de 2024.

informações fornecidas aos participantes e as obtidas através do experimento. Após o teste piloto, o estudo foi confirmado. Os dados do teste piloto foram descartados, e, com isso, foi dado início ao recrutamento dos participantes para o teste de estudo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iremos apresentar algumas análises dos resultados obtidos com o experimento de leitura automonitorada realizado. Neste estudo aferimos os tempos de leitura (RTs) e pretendemos observar se o estereótipo de gênero é capaz de influenciar ou não, no referido tempo, em frases escritas em Português Brasileiro (PB).

Focamos nossas análises nas variáveis investigadas: tipo de estereótipo (EM, EN, EF), gênero (feminino e masculino) e nacionalidade (brasileira).

As medidas de tempo utilizadas para esta análise referem-se ao tempo de leitura e processamento dos segmentos 5, 7, 8 e 9, verificando o efeito *spillover*⁷ e de *wrap-up*⁸.

Para a análise de RTs, os dados foram coletados e categorizados com base nas condições experimentais, nos estereótipos e segmentos específicos, permitindo uma avaliação detalhada das diferenças de desempenho entre os participantes nas condições estudadas. Foram analisados os segmentos (5, 7, 8 e 9) com relação à congruência de gênero entre o objeto e o pronome e, os estereótipos. Além disso, são analisados os dados referentes aos índices percentuais de acertos.

No Gráfico 1, a seguir, apresentamos a Média Total dos tempos de resposta (RTs) para cada uma das condições. Os valores apresentados descrevem o tempo em milissegundos:

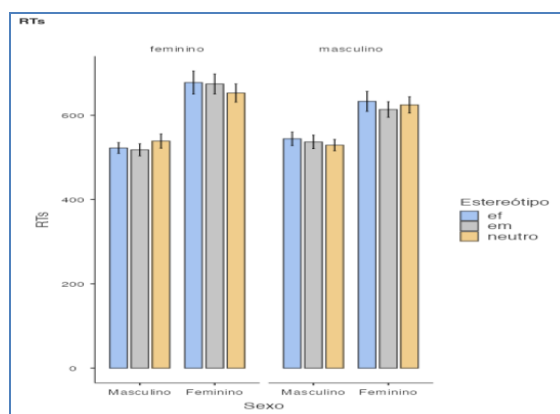


Gráfico 1. Média dos tempos de resposta (RTs).

A partir da análise quantitativa da média dos tempos de resposta, é possível observar que:

⁷ Efeito de transbordamento do processamento. Ou seja, o processamento de um segmento é frequentemente capaz de influenciar o processamento do segmento subsequente e, este efeito pode ser medido através do teste de SPR.

⁸ Efeito de fechamento da frase: ao final da leitura e processamento de uma frase há um maior esforço cognitivo de integração e interpretação do conteúdo lido.

- As participantes femininas apresentam tempos médios de resposta mais altos em comparação aos participantes masculinos em quase todos os segmentos e estereótipos.
- Em todas as categorias, são apresentados resultados semelhantes tanto para o segmento 7 (crítico), como para o segmento 8. Observa-se os resultados obtidos a partir dos gráficos (6 e 8). Para todas as categorias, as mulheres apresentam tempos de resposta mais altos do que os homens.
- Na categoria "EF feminino", as mulheres consistentemente apresentam tempos de resposta mais altos do que os homens, com a maior diferença observada no segmento 8 (753 ms para mulheres vs. 539 ms para homens).
- Na categoria "neutro feminino", os tempos de resposta das mulheres são novamente mais altos do que os dos homens, especialmente no segmento 9 (640 ms para mulheres vs. 496 ms para homens).
- As categorias "EM masculino" e "neutro masculino" mostram menos variação entre os tempos de resposta de homens e mulheres, mas as mulheres ainda tendem a ter tempos de resposta mais altos.

Para a análise, é importante mencionar que a utilidade do desvio padrão é inestimável quando se trata de analisar a variabilidade dos tempos de resposta em pesquisas comportamentais. Neste contexto específico, onde homens e mulheres leem frases palavra por palavra, o desvio padrão nos permite compreender a consistência das respostas de cada grupo. O cálculo do desvio padrão médio revela insights importantes sobre como cada gênero pode diferir em termos de variabilidade entre os membros que compõem aquele grupo. Para os homens, o desvio padrão médio foi de aproximadamente 255 milissegundos, indicando uma certa consistência nas respostas. Por outro lado, o desvio padrão médio para as mulheres foi significativamente maior, alcançando cerca de 411 milissegundos. Tal diferença demonstra que, em média, as mulheres apresentam uma maior variabilidade nos tempos de resposta.

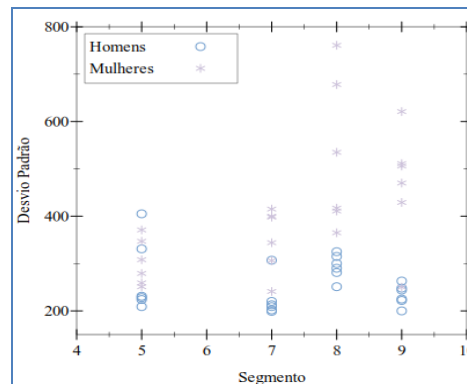
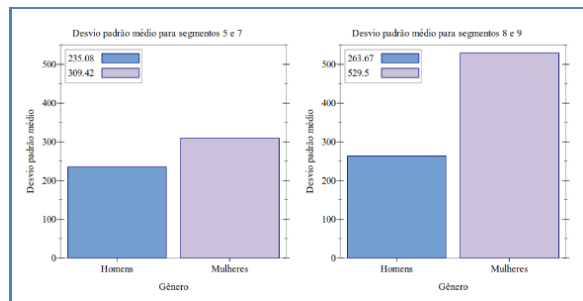


Gráfico 2. Desvio padrão dos RTs para homens e mulheres por segmento.

No Gráfico 2, acima, vemos a diferença na variabilidade dos tempos de resposta entre homens e mulheres. Cada segmento no gráfico (5, 7, 8 e 9) corresponde a uma posição preenchida por uma determinada palavra em cada frase. Estas palavras variam entre as frases, mas foram selecionadas cuidadosamente para influenciar os participantes a considerarem seu significado

semântico com devida atenção. Cada segmento apresenta 12 pontos, sendo seis círculos azuis para os homens, e seis asteriscos vermelhos para as mulheres. Apresenta-se seis pontos, pois há seis categorias em análise: EF Feminino, EF Masculino, EM Feminino, EM Masculino, Neutro Feminino e Neutro Masculino. Os participantes responderam, individualmente, a 24 frases divididas igualmente nestas seis categorias, ou seja, quatro frases para cada uma destas categorias.

É notável perceber que os círculos azuis dos homens estão mais agrupados, indicando menor variação para os participantes deste sexo. Já os asteriscos vermelhos estão mais dispersos, mostrando maior variação. Isso evidencia que, de forma geral, as mulheres têm maior variabilidade nos tempos de resposta se comparadas aos homens. Destaca-se também, que nos segmentos 8 e 9, observamos uma variabilidade significativamente maior nos desvios padrão das mulheres. Este fato é melhor ilustrado nos Gráficos (3) e (4), a seguir:



Gráficos 3 e 4. Desvio padrão para segmentos 5, 7, 8 e 9.

A análise dos segmentos 8 e 9, vemos que os desvios padrão são consistentemente maiores para as mulheres, indicando uma maior variabilidade nas respostas, uma maior discordância entre as participantes ao analisar estes segmentos em particular.

O segmento 7, segmento crítico em análise, possui uma forte relevância semântica na interpretação da frase, como podemos verificar no exemplo:

11. Mara / avistou / Hugo / enquanto / ele / trocava / o óleo / do carro / na garagem.

O segmento (11) do referido exemplo refere-se a *o óleo*. Em todas as frases, o referido segmento direciona o leitor, induzindo-o a aplicar um determinado estereótipo em sua interpretação. Conforme visualizamos nos Gráficos (5) e (6), encontramos diferenças entre o julgamento de EM e EF, restando demonstrado que as participantes do sexo feminino utilizam mais tempo nos seus julgamentos em relação aos participantes do sexo masculino.

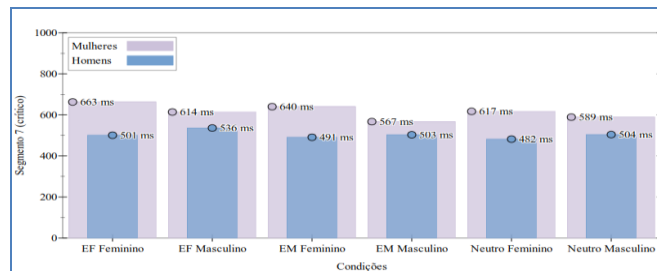


Gráfico 5. RTs para o segmento 7 (crítico).

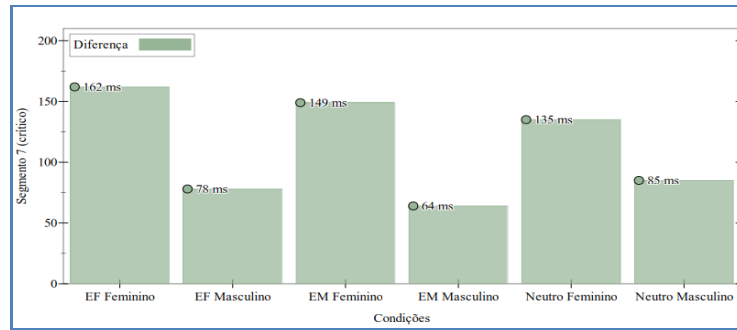


Gráfico 6. Diferença dos RTs entre homens e mulheres no segmento 7 (crítico).

Em particular, o gráfico (6) apresenta uma visão mais clara dos mesmos dados apresentados no gráfico (5), sendo possível observar a variabilidade das diferenças dos RTs. Demonstra-se que as mulheres utilizam mais tempo em todas as condições, porém, é evidente que há maior utilização de tempo em todas as condições em que antecedente e retomada são femininos (EF Feminino, EM Feminino, Neutro Feminino), ou seja, de alguma forma a informação de gênero foi levada em conta independente do estereótipo.

Pelo fato de os segmentos 8 e 9 demonstrarem maior variabilidade nos RTs, conforme observamos no gráfico (2), consideramos interessante comparar os tempos de resposta entre homens e mulheres, com foco em um destes segmentos específicos. Para tanto, optamos por explorar o segmento 8, pois tal segmento ocorre logo após o segmento crítico. Portanto, buscamos investigar a influência desta informação no processamento da frase. O gráfico (7) compara os RTs em milissegundos para homens e mulheres, em todas as condições, mas refere-se somente ao segmento 8:

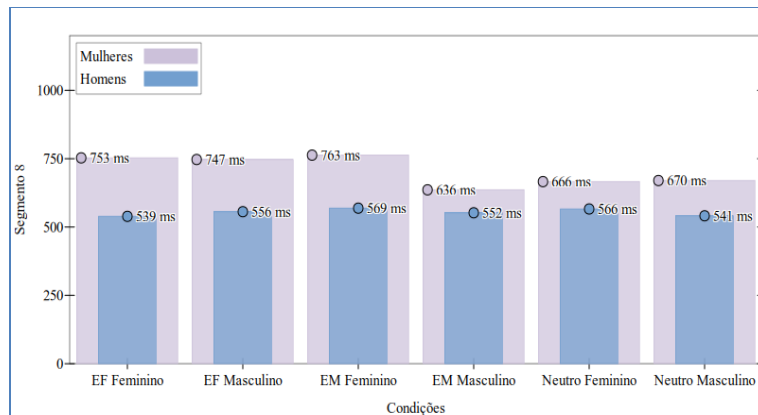


Gráfico 7. RTs para o segmento 8.

Vemos que, assim como na média total, no segmento 8 as participantes mulheres levam mais tempo neste segmento do que os participantes homens, independentemente da condição de estereótipo da frase.

O gráfico 8, abaixo, mostra especificamente a diferença entre as mulheres e homens, fornecendo um ponto de vista mais detalhado, assim como seus valores em milissegundos.

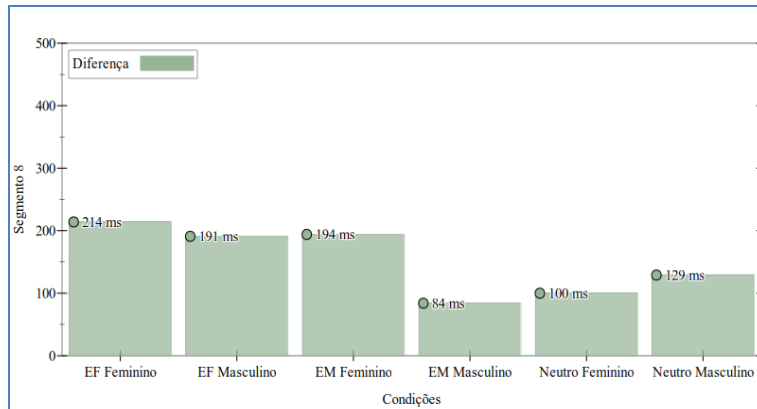


Gráfico 8. Diferença dos RTs entre homens e mulheres no segmento 8.

Destaca-se, ainda, que embora as mulheres quase sempre demorem mais tempo para ler e interpretar este segmento, as condições de estereótipo feminino (EF Feminino e EM Feminino) também demandam mais tempo do que as respectivas condições masculinas. Esta observação nos faz entender que, embora exista uma diferença nos tempos de resposta entre homens e mulheres, esta diferença é mais pronunciada em frases de condição feminina, ou seja, há mais concordância entre homens e mulheres ao analisar frases de condição masculina, com exceção das categorias neutras (Neutro Feminino e Neutro Masculino).

A seguir, apresentamos o desempenho de homens e mulheres em diferentes categorias, com base em percentuais de acertos. Os dados são apresentados através de um gráfico mostrando a porcentagem de acertos para cada grupo de gênero em várias categorias (EF Feminino, EF Masculino, EM Feminino, EM Masculino, Neutro Feminino e Neutro Masculino). O objetivo é identificar padrões e diferenças de desempenho entre os gêneros nas diversas categorias avaliadas.

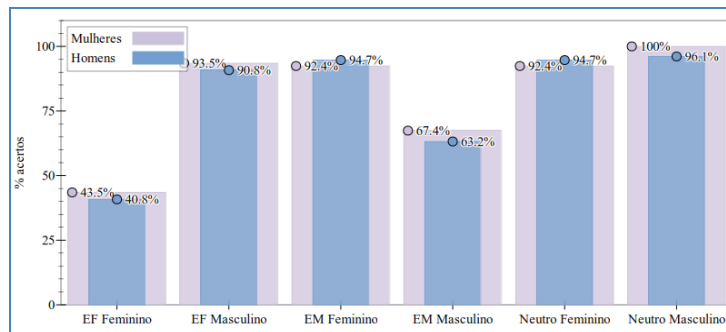


Gráfico 9. % de acertos.

EF Feminino: Mulheres: 43,5%; Homens: 40,8% Observação: As mulheres têm uma precisão ligeiramente maior do que os homens.

EF Masculino: Mulheres: 93,5%; Homens: 90,8% Observação: As mulheres têm uma precisão ligeiramente maior do que os homens.

EM Feminino: Mulheres: 92,4% Homens: 94,7% Observação: Os homens têm uma precisão ligeiramente maior do que as mulheres. EM Masculino: Mulheres: 67,4% Homens: 63,2% Observação: As mulheres têm uma precisão ligeiramente maior do que os homens.

Neutro Feminino: Mulheres: 92,4% Homens: 94,7% Observação: Os homens têm uma precisão ligeiramente maior do que as mulheres.

Neutro Masculino: Mulheres: 100% Homens: 96,1% Observação: As mulheres têm uma precisão maior do que os homens.

Como é possível verificar na maioria das categorias, as mulheres tendem a ter um percentual de acertos ligeiramente maior do que os homens, exceto em EM Feminino e Neutro Feminino, onde os homens têm desempenho melhor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou averiguar a relação existente entre os estereótipos de gênero e o processamento de frases em Português Brasileiro (PB), a partir dos dados informados previamente (Leitão *et al.* 2022). Analisamos se e como os estereótipos de gêneros influenciam o processamento da correferência entre um nome e um pronome. Este é um tema novo e até a publicação deste trabalho, havia poucos trabalhos abordando o tema da estereotipia no processamento linguístico. Alguns desses nos serviram de embasamento teórico para aprofundarmos as reflexões e delimitarmos a presente pesquisa. Tal pesquisa faz parte da Psicolinguística Experimental cujo estudo busca compreender empiricamente a aquisição, a produção e a compreensão da linguagem. Com ela foi possível realizarmos um experimento a fim de averiguarmos como os fenômenos linguísticos são realizados pelos indivíduos, considerando suas habilidades além dos sistemas de memória que utilizam e se informações extralinguísticas, como o mencionado estereótipo de gênero, é capaz de interferir no processamento anafórico sintático.

Para a realização do experimento utilizamos estruturas frásicas com a ordem subordinante/subordinada, comparando frases como (i), em que o estereótipo de gênero não interfere na retomada do nome, DP objeto, e frases, como (ii) Lúcio percebeu Leda *enquanto ela fazia o churrasco na grelha à gás*; em que o estereótipo contradiz a retomada do objeto e, frases neutras, como (iii) Lúcio percebeu Leda enquanto ela bebia a água no copo de metal. Importante mencionar que na primeira oração foram sempre introduzidos dois nomes próprios com funções sintáticas diferentes e gêneros diferentes, um atuando como sujeito e o outro, como objeto. Na oração subordinada, tínhamos sempre uma adverbial temporal introduzida pelo conectivo “enquanto” e retomadas anafóricas ao DP objeto que poderiam ou não sofrer influência do estereótipo proposto.

De uma maneira geral, verificamos que há uma diferença entre homens e mulheres, no que diz respeito ao tempo de leitura (RTs) das frases: os participantes de sexo masculino são significativamente mais rápidos no julgamentos das frases (nas três condições estudadas e nos diferentes segmentos) do que as participantes mulheres. Além disso, com relação ao índice de acertos, as mulheres têm índices maiores de acerto.

As análises entre os estereótipos Feminino e Masculino (EF x EM) mostram que as condições em que o estereótipo é masculino (EM: “*fazer a barba*”) independentemente da correferência nome/pronome apresentam tempos de leitura menores quando comparados com EF: “*vestir saia*”. Sendo o estereótipo neutro o mais rápido nas outras comparações.

Além disso, na comparação entre os participantes, o sexo parece ser um fator. Os resultados mostram que as mulheres têm tempos de leitura mais longos do que os homens. Assim como

Leitão *et al.* (2022), nós interpretamos estes resultados como "*uma maior atenção aos detalhes*", uma vez que as mulheres mostram índices de acertos maiores correlacionados com tempos de leitura maiores. Ou seja, as mulheres parecem demorar mais para ler e portanto, possuem índices de acertos maiores; enquanto os homens parecem demorar menos e errar mais.

Por outro lado, parece haver uma maior variabilidade por parte das participantes mulheres em relação aos tempos de resposta. Interpretamos esta variação como consequência de uma maior reflexão individual. As mulheres parecem ler com maior cautela cada segmento da frase - independentemente do estereótipo e da correferência (nome/pronome) Seguindo esta tendência, há uma indicação de que este fenômeno seria ainda maior se a pesquisa abarcasse um número maior de participantes. Por isso este dado precisa ser melhor examinado.

Em vista dos resultados analisados, uma vez que as diferenças encontradas dizem respeito ao tipo de estereótipo e ao sexo dos participantes, não somos capazes de analisar diretamente a influência da informação de estereótipo no processamento da correferência entre nome/pronome. Ou seja, as diferenças encontradas parecem dizer respeito às relações de mundo experienciadas por nossos participantes e, influenciadas pela diferença na percepção de mundo entre homens e mulheres. Porém estas informações não parecem ter influenciado diretamente o processamento anafórico - as diferenças foram encontradas independentemente do tipo de anáfora.

Esta conclusão coloca algumas reflexões importantes para trabalhos futuros:

- (i) Segundo alguns modelos de processamento *bottom-up*, as informações extralinguísticas não seriam capazes de interferir no processamento sintático. Isto porque a integração destas informações é posterior ao processamento sintático;
- (ii) Os estímulos criados contém frases sintaticamente bem formadas - a informação sobre o estereótipo seria apenas capaz de influenciar a interpretação final. O que não foi observado com clareza;
- (iii) O *design* experimental é capaz de mostrar diferenças nos tempos de leitura de cada segmento nas condições e grupos estudados. Entretanto, a resolução da anáfora nome/pronome é anterior ao sintagma estereotipado. Isto pode ter dificultado a detecção de diferenças sutis no processamento.

As conclusões listadas servem para desdobramentos futuros, que são fortemente recomendados pelos autores. Uma vez que esta é uma área de investigação recente e, muito importante para o entendimento da cognição da linguagem e das duas interfaces de processamento.

Assim, a partir da metodologia aqui utilizada foi possível traçar um processo objetivo de quantificação da teoria originalmente proposta. Tal metodologia demonstrou-se eficaz e precisa durante as fases de coleta e análise de dados, proporcionando uma maior certeza e segurança para desenvolver a análise linguística abordada.

Dessa forma, acreditamos ter realizado um trabalho significativo ampliando a pesquisa sobre expressões anafóricas em PB dentro do campo do processamento linguístico. Contudo, consideramos a pesquisa incipiente, especialmente no que diz respeito ao número de participantes. Ressaltamos que há um longo caminho a percorrer, uma vez que nenhum estudo é conclusivo, mas os resultados obtidos nos permitiram chegar a resultados enriquecedores. Nesse sentido, consideramos imprescindível a continuação deste estudo, ampliando os resultados e conclusões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, Elioenai Macena de. 2017. *Processamento correferencial da expressão “ele(a) mesmo(a)” e “ele(a) próprio(a)” em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. [em linha] Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12052>
- Ariel, Mira. 1990 *Accessing noun-phrases antecedents*. Reimpressão, Nova Iorque, Routledge.
- Ashmore, Richard D. e Francis K. Del Boca (1979). Sex stereotypes and implicit personality theory: Toward a cognitive–social psychological conceptualization. *Sex Roles: A Journal of Research*, 5(2): 219-248.
- Badecker, William; Kathleen Straub. (.22) The processing role of structural constraints on the interpretation of pronouns and anaphors. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*.
- Campos, Luis Antônio Monteiro; Jesiane de Souza Marins, Marta Calil Nascimento Ramos, José Carlos Tavares da Silva, Thelma Mary Araújo de Oliveira e Cláudia Behar. 2021. O que são estereótipos? What are stereotypes? *Ciência Atual*:17(2): 1-12.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 1995. *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade de Campinas, São Paulo.
- Duffy, Susan A. e Jessica A. Keir . 2004. Violating stereotypes: Eye movements and comprehension processes when text conflicts with world knowledge, em. *Memory & Cognition*, 32(4): 551-559. [em linha] Disponível em: <https://doi.org/10.3758/bf03195846>
- Fonseca, Maria Cristina Micelli e Erlândio Guerreiro. 2012. Resolução de Correferência Pronominal no Português do Brasil, em. *Revista Lingüística*, 8(2): 117-133.
- Gil, Antônio Carlos. 2007. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Halliday, Michael; Alexander Kirkwood e Ruqaiya Hasan. 1976. *Cohesion in English*. Londres, Longman.
- Hora, Katharine de Freitas Pereira Neto Aragão da. 2014. *O Processamento da Correferência Pronominal Anafórica em Estruturas Complexas do Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Hora, Katharine; Paula Luegi, Marcus Maia e Armanda Costa. 2019. Resolução de pronomes em posição de sujeito em orações completivas na retoma de antecedentes em SNs complexos: estudo comparativo entre Português Brasileiro e Português Europeu, em *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*: 207-224.
- Koch, Ingedore Villaça. 2004. *Introdução à linguística textual: trajetória e questões*. São Paulo, Contexto.
- Leitão, Márcio Martins e Antônia Barros Gibson Simões. 2011. A influência da distância no processamento correferencial de pronomes e nomes repetidos no português brasileiro, em *Veredas*, 15: 262-272.
- Leitão, Márcio Martins, Juliana Novo Gomes, Lorraine Medeiros Ventura, Marcus Maia e Cristina Flores. 2022. *Avaliação de estereótipos de gênero em Português Brasileiro e Português Europeu. Psicolinguística: diversidades, interfaces e aplicações*. 1ª ed., São Paulo, Contexto.
- Marcuschi, Luiz Antônio. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Oliveira, Cândido Samuel Fonseca de e Thaís Maíra Machado de Sá. 2022a. *Métodos experimentais em psicolinguística*. 1ª ed., São Paulo, Editora Pá de Palavra.
- Oliveira, Cândido Samuel Fonseca de; Mercedes Marcilese e Márcio Martins Leitão. 2022b. Leitura Autocadenciada (com e sem labirinto): histórico e reflexões metodológicas, em *Métodos experimentais em psicolinguística*. 1ª ed., São Paulo: Editora Pá de Palavra.
- Pereira, Marcos Emanuel. 2002. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária.
- Salgado, Ana Paula Martins Alves e Karen Rie Ichijo. 2022. Técnicas experimentais e a pesquisa sobre a linguagem, em *Revista Gatilho*, 22(1): 122-139.
- Souza, Ana Cláudia de; Bruna Alexandra Franzen e Thais de Souza Schlichting. 2019. Método na pesquisa psicolinguística sobre leitura: técnicas de coleta de dado, em. *Fórum Linguístico*, 16(2): 3849-3860.

- Teixeira, Elisângela Nogueira; Maria Cristina Micelli Fonseca e Maria Elias Soares. 2014. Resolução do pronome nulo em Português Brasileiro: Evidência de movimentação ocular, em *Sintaxe das Línguas Brasileiras*, em *Veredas*18(1): 281-301.
- Zehr, Jeremy e Florian Schwarz. 2018. *PennController for Internet Based Experiments (IBEX)*. [em linha] Disponível em: <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/MD832>